

# A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 54 — VOL. II.

Sabbado 21 de Agosto de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## sumario.

**ARTIGOS.** — Historia da actualidade — Descriçáo e recordações historicas do parco e quinta de Queluz — A villa de Abrantes — A villa de Albufeira — A villa d'Alcaer do Sal — O caminho de ferro do leste. — a ponte de Sacavem — A uns annos.

**GRATURAS.** — O palacio de Queluz — Brasões das villas de Abrantes Albufeira, Alcaer do Sal, Alemqoor — Jardim do palacio de Queluz — Caminhos de ferro de leste, ponte de Sacavem.

## Historia da actualidade.

No dia 16 encerraram-se as sessões do corpo legislativo, sendo prorogadas até 11 de Outubro proximo.

— A nau Vasco da Gama sairá a 25 do corren-

te para as colonias, levando a bordo quinientos e tantos senteneados a degredo.

— A alfandega grande de Lisboa rendeu desde Junho de 1857 a igual mez de 1858, 2.261:4965043 réis.

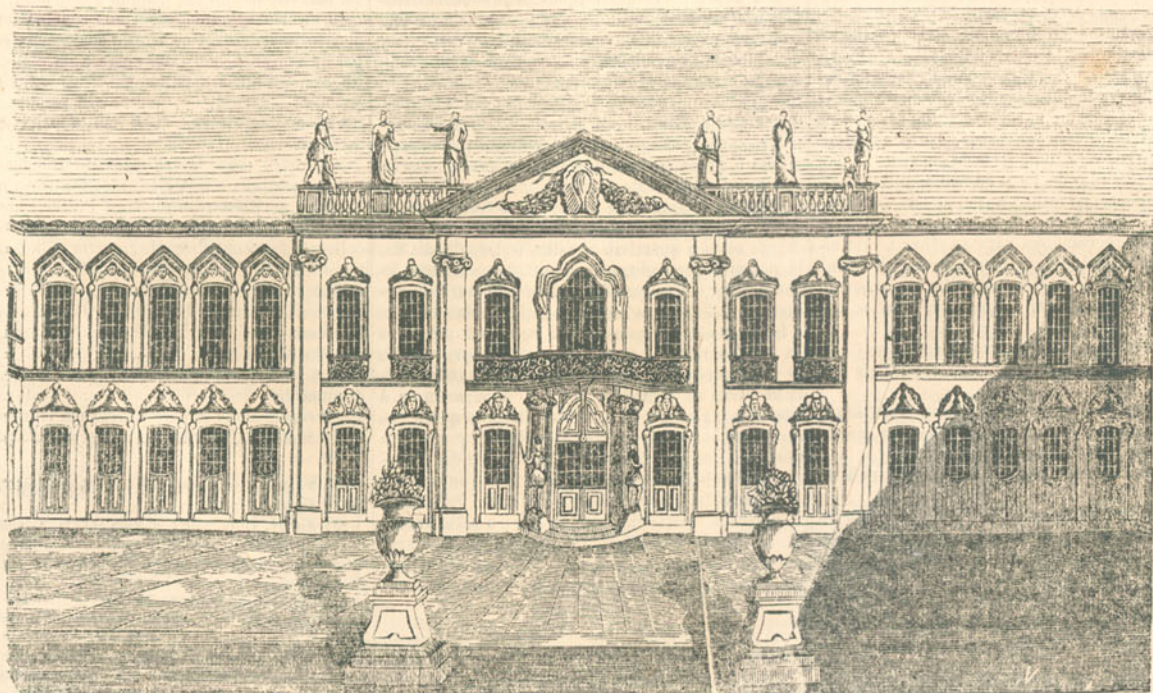
— Entraram no mesmo periodo no Tejo, com carregamento, de que se deu despacho n'esta casa fiscal, mil duzentas vinte e sete embarcações de vela nacionaes, e trezentas oitenta e uma estrangeiras. Os vapores portuguezes fizeram cem viagens mercantis, e os estrangeiros cento noventa e cinco.

— Os algodões que no mesmo periodo se despacharam na alfandega montaram á quantia de réis 4.906:7215950. Os generos coloniaes figuraram pela verba de 1.829:8565650 réis.

— O valor dos generos nacionaes e estrangeiros reexportados foi de 2.821:9895286 réis.

— Comparado o rendimento da alfandega n'este anno com o do anterior, foi este menor em réis 97:2205198. Deve advertir-se que nos mezes de Outubro e Novembro o rendimento, por causa da epidemia, foi mui diminuto.

— A camara do commercio de Stockholmo publicou um relatorio, pelo qual se mostra que a industria sueca tinha no paiz duas mil quatrocentas sessenta e duas fabricas e officinas, em que se occupavam vinte oito mil novecentos cincoenta e tres operarios. As fabricas de tecidos tinham montados quatro mil seiscentos sessenta e seis teares. A fabricaçáo dos pannos tem a sua principal sede em Norrkeping, onde existem cento e oito estabelecimentos, de que só funcçionam oitenta e quatro.



Palacio de Queluz.

As fabricas de fazendas d'algodão e de linho eram vinte e oito, com dois mil cento vinte e oito teares, e mil setecentos cincoenta e nove operarios. As fabricas de fitas, de onze que eram, existem actualmente sete, que teem setenta e um teares.

— O governo portuguez concedeu á companhia *União Mercantil* o exclusivo da navegação a vapor entre Lisboa e os portos do Algarve, com a subvenção de 9:600\$000 réis annuaes.

— Descobriu-se um novo attentado contra a vida do vice-rei do Egypto. Achou-se um homem escondido debaixo da cama de sua alteza. Não quiz fornecer esclarecimento algum, dizendo unicamente ás perguntas que se lhe faziam — que era enviado por Deus. Foi decapitado. Acharam-se mais n'uma mesquita do Cairo depositos d'armas e de pólvora.

— Receiam-se novas tentativas de Mazzini na Italia; e as autoridades austriacas do reino lombardo-veneziano exercem na fronteira piemontez violencias tyrannicas, segundo se expressam os jornaes. Parece que o governo piemontez tenciona pôr em pratica medidas preventivas contra o conspirador italiano.

— Na China já se abriram conferencias entre os embaixadores francez e inglez com os negociadores chins. Estes oppõem-se a que os diplomatas europeus tenham residencia em Pekin. Os representantes da Russia e dos Estados-Unidos negociam á parte.

— Tiveram lugar as festas de Cherburgo, e a entrevista da rainha Victoria com o imperador dos francezes. Ao inaugurar-se a estatua de Napoleão I, o imperador pronunciou um discurso, que está sendo muito commentado pela imprensa.

— Assentou-se finalmente com feliz exito o telegrapho electrico submarino entre a America e a Europa, e já funciona.

— O conde Giulay, que exercia o supremo commando militar no reino lombardo-veneziano, foi ferido por um tiro de espingarda no campo de exercicio em Somma; e dizem as correspondencias de Turim, que falleceu em consequencia d'este ferimento.

— Em Santarem estava destinada uma toirada em beneficio da misericordia da dita villa. Ardeu a praça n'um dia d'esta semana, e julga-se que o fogo foi lançado de proposito.

— No dia 7 lançou-se ás aguas do Ave, em Vianha do Minho, uma nova galera, denominada *Castro*. É propriedade do senhor visconde de Castro Silva & Filho.

— Sir Colin Campbell, e sir John Lasorens foram nomeados barões de Inglaterra, em remuneração dos seus bons serviços.

— Queixam-se do Porto de estar pessimo o serviço das diligencias entre a Regoa e a dita cidade. No dia 9 do corrente quando chegou a Penafiel já levava alguns passageiros maltratados; em Balthar caíram os que iam na imperial, e em Ponte Ferreira quebrou-se tudo, tendo os passageiros de fazer o resto da jornada a pé.

— No caminho de ferro de Lisboa a Santarem houve o desastre, na quinta-feira passada, quando o povo que affluia á corrida dos toiros nos Olivaeis já se achava no camboyo para recolher a esta cidade, de ir dar de encontro a este uma machina que se enviava de Lisboa para lhe dar reboque, havendo a morte de um empregado, e varias pessoas feridas.

— Cem mil espectadores concorreram em Cherburgo ás festas da inauguração da estatua de Napoleão I.

— No dia 6 do corrente já havia recebido a Osborne a rainha Victoria, e real familia que tinham ido ao porto de Cherburgo.

— O parlamento britânico adiou-se para 3 de Outubro.

— Continua na Bosnia, e em outros pontos do imperio turco, com muito encarniçamento, a guerra civil entre musulmanos e christãos.

#### Descrição e recordações historicas do paço e quinta de Queluz.

Desde o começo de Julho de 1774 até fins de Junho de 1778 esteve silencioso e solitario o paço de Queluz, tanto em razão da doença d'el-rei

D. José, que o fez passar alternadamente os verões dos tres primeiros annos na quinta do marquez de Pombal em Oeiras e no palacio da Ajuda, para d'estas moradas ir commodamente tomar os banhos do Estoril e das Alcaçarias, como por outras causas que, depois da morte d'aquelle monarcha em 25 de Fevereiro de 1777, decidiram a rainha sua filha e successora a ficar no ultimo d'aquelles paços até ao estio do anno seguinte, em que, sobre accordo e ás custas d'ella e d'el-rei seu esposo, se fez o quarto alto que jaz na rampa que conduz á praça, e no qual a mesma soberana morou sendo já viuva, quarto traçado por Matheus Vicente d'Oliveira, e que, visto d'esse largo, não diz com as outras construcções que o cingem.

Voltando regularmente a córte a este sitio, e tornando a festejarem-se ali com a antiga pompa e concorrência os dias de S. João, e S. Pedro, bem como os natalícios de algumas das pessoas reaes, pede a razão e a curiosidade que eu mostre aqui o quadro fallante, com retratos novos e ditos trazidos a monte da minha memoria já enfraquecida, que, apoz uma tão grande mudança de scenas n'estas occasiões alegres, apresentava a galeria reanimada onde já, a proposito das primeiras funcções que lá houveram, introduzi os meus leitores; traçando eu estas linhas não só por divertir-me e entreter-os, mas afim de registrar na idéa do publico indulgente que ler este bosquejo da nossa córte na derradeira parte do seculo passado muitas coisas hoje desconhecidas ou esquecidas de um mundo que acabou, para que ellas não fiquem, como tantas outras velhices, sepultadas n'uma obscuridade profunda: a pintura dos homens, que dá vida á narraçáo dos acontecimentos, pode ser proveitosa aos que escreverem a nossa historia dos ultimos tempos.

Mas, por isso mesmo que a *realidade poetisada*, titulo que um homem de genio, bem que um tanto affectado, que conversei, deu appropriadamente ás suas interessantes Memorias, ou, como tambem dizia e usava outro grande pintor litterario com quem tratei, este modo de narrar *reponde as pessoas no theatro onde representaram*, faz maior impressáo, e deixa no pensamento mais altas raizes que as descripções em que os objectos não são tangiveis e palpaveis como nas que cito e que sigo, ha tanto mais mister quem assim escreve, no paiz e não mui distante da acção que descreve, a vida de uma antiga sociedade polida ter tento na pena, para, sem frustrar as esperanças dos que buscam a exacção nas descripções, a justiça na historia, e a verdade em tudo, não ser ecco de paixões contrarias e quasi contemporaneas. Para conceituar devidamente os homens é força tirar-os do conflicto dos partidos, e não attender ás censuras acerbas nem aos panegyricos hyperbolicos das facções, que degradariam o historiador á baixaza do adulator ou do escrevinhador de folhetos satyricos; e tal foi a razão porque puz mais vagar nos *pertos* que nos *longes* d'esta pintura.

Quando eu, antes de traçar estas linhas, recordava com pausada meditação o que na minha mocidade ouvi a quem viu aquelles festins depois do, já por mim marcado, periodo activo e violento, feundo, por vezes grande, e digno do buril de Sallustio, até á cessação d'estes regosijos pela ceifa que a foize pavorosa da morte fez de alguns membros da familia real (1) pouco antes de romper o tufão de tempestades que revolvendo a Europa, deu volta ao juizo da rainha D. Maria I, afiguraram-se á minha imaginação os dias serenissimos que o ceo repartiu, com uma grande colheita de paz (2), a Portugal nos breves annos do governo d'esta princeza que sobejou a tantas dôres, como o outono doce, alegre, e frugifero que a natureza, revezando as estações, mette de permeco entre o estio ardente, brilhante, e creador, e o inverno triste, duro, esteril e desabrido. As phases da vida social tem muita analogia com as do mundo physico, differen-

çando-se porém, entre outros pontos, umas de outras em que, n'estas, os corpos naturaes guardam sempre as suas leis, e, n'aquellas, os homens aberram frequentemente dos seus principios.

De feito, bem que, nas mudanças e catastrophes dos ministros, diga o prudente, como S. Lourenço nas grelhas, *assem-me do outro lado*, a queda do marquez de Pombal, mais vencido pelos successos que pelos inimigos, e n'ella successiva e contrariamente remunerado com uma commenda, e punido com um degredo (1), deu, como elle previra (2), a Lisboa um *grande alegrão*, que, em muitos peitos, trahbordou por cima do desafogo decente; e n'este elaterio de tantas almas e tantos corações contentes de ver armar o despotismo que, por um quarto de seculo, comprimira todos os animos, e sacrificara muitas victimas, tendo as que poderam resistir aos tormentos sido então, por cumulo de miseria, soltas d'involta com alguns malfiteiros (3), vaticinaram, como sempre succede, os descontentadiços do tempo passado, e creu logo de leve a turba amiga da novidade, e a vaidade aspirante e tresloucada que o novo poder, extinguindo, e não variando, os abusos do antigo, faria entrar Portugal na idade de ouro. O comico, em todas as córtes e em todos os tempos, está sempre ao pé do tragico: e o impeto do desejo que nos arrebatava para mudanças cega-nos aos dictames luminosos da razão e ás mais certas e claras evidencias. Tambem por esse tempo o nonagenario Voltaire, lendo avessamente a sina de um rei nascido em cruel signo, e enthusiasmando-se de um ministro que conhecia mais os livros que os homens, agurava flores e fructos a um reinado que só produziu abrolhos e espinhos: a vida humana tem duas infancias e uma só primavera.

Para fallar justamente das personagens historicas, e sobretudo das que, resumindo em si uma civilisação, fizeram muitos bens á custa de grandes males, é mister olhar-as com uma admiração temperada com rigorismo. É tempo que a historia, depois de fazer boa justiça, como eu penso que fiz, ao archiministro d'el-rei D. José, pintando-o como um homem de acção, mas de coração duro, que, tendo alma para conceber e força para executar grandes empresas, se por vezes se equivocou em datas, nunca errou as marés, caracterise com equal imparcialidade a administração frouxamente branda, e, na quasi totalidade dos seus membros, com as mais rectas tenções, desacertada, que manejou os negocios logo depois da morte d'aquelle principe. Os governantes melhor intencionados podem ser mal entendidos; e, quando a este desar accresce o de não se entenderem uns com os outros, e de não haver quem os acorde e concerte, essa Babel de opiniões, tão fatal como a da confusão das linguas, faz que a machina politica pare, e que tudo fique suspenso, ou, por outros termos, abre a porta ao desgoverno, coisa muito peor que um mau governo.

As córtes, que, entre raios de grandeza, com muitas sombras e miserias, são, contrariamente ás theorias de Bernardin de Saint Pierre e de Lavater sobre a harmonia das opposições, e as maiores colleções de contrastes de caracter d'onde no theatro do mundo, assim como nos dramas, nascem de ordinario as peripecias, raramente terão apresentado uma tão grande diversidade de genios e indoles como a que se viu n'aquella governança mosaica, sem significação, nem acção por não ter quem lhe imprimisse um pensamento e o movimento, cada uma de cujas partes componentes estava, com a heterogeneidade das do cahos, em fronteira com a sua contraria, e tinha no nosso mundo politico,

(1) Vejam-se os decretos de 4 de Março de 1777, e de 16 de Agosto de 1781.

(2) Ao Dr. Huet, que com uma sangria salvou o marquez de Pombal de um ataque apoplectico, disse, logo que tornou a si este ministro: — de forte alegrão privastes hoje Lisboa.

(3) Um d'estes, chamado Placido, e que fóra um homem muito turbulento, commetteu depois d'aquelle perdão, um crime atroz que o levou á força: outro por nome Toribio, que havia sido alçoz, deu occasião a um dito do nosso poeta Nicolau Tolentino, o qual, perguntado por uma senhora acerca do modo de vida d'aquelle sujeito, respondeu: — eu cuido que elle hoje vive de enforcar por casas particulares.

(1) El-rei D. Pedro III morreu em 1786, a infanta D. Marianna Victoria, e o infante D. Gabriel seu esposo, em 1787, e o principe D. José em 1788.

(2) O tratado de paz de Portugal com Hespanha, concluido em 11 de Março de 1763 por intervenção da rainha mãe, que para esse fim passou a Madrid.

e dentro do mesmo gabinete um antipoda. A rainha D. Maria I, mui bem dotada da natureza, e cultivada no bom ensino, mas encolhida por somma modestia, e já enredada em escrupulos, trazia sempre a sua resolução pendente do parecer alheio. El-rei D. Pedro, chamado por sua esposa ao conselho, pela mesma fina contemplação com que associara a effigie d'elle á sua nas primeiras moedas de ouro que mandou cunhar, não tendo as prendas e prendimentos d'espírito d'aquella princeza, *nem os vinte e quatro modos de negar d'el-rei D. João IV (1)*, obstava a todas as propostas e pretensões a eito com a mesmíssima phrase *eu não vou para ali*, por julgar que dizer a tudo que não era ser justo. O, por ambição e medo, dobre e dobradiço cardeal da Cunha, ultimamente mettido no conselho d'estado e no despacho, para dizer, como dizia, a tudo que sim, pelo marquez de Pombal (a quem viu-rou as costas mal o viu caído) asy lava-se então com silenciosa complacencia nas azas da protecção de um ministro influente com quem tinha parentesco, e ao qual d'antes não fallava tambem por susto: a invariabilidade nos sentimentos é quasi uma planta exotica nas côrtes, e as amizades dos corte-ções são, por via de regra, umas mentiras reciprocas; não é porém menos certo que ha gente que não sabe ser o que é, e em quem a pusillanidade e o amor do nicho tem ás vezes ar d'inconstancia, e até de perfidia. O mais grosso de maneiras que d'engenho, e tão audaz, loquaz e confuso como franco, frugal e isento arcebispo de Thessalónica, confessor da rainha, e tambem ministro assistente ao despacho, entrando de ordinario d'ou-ativa e não doutamente nas discussões, embrulha-va por isso e pelas suas longas digressões, os negocios a ponto de fazer perder de vista os assumptos. O astuto corteção, mas não sagaz estadista, marquez d'Angeja, presidente do erario, levando as coisas por manha, só se oppunha abertamente a todas e quaesquer despesas por mais justas e necessarias que fossem; pondo depois, por não malquistar-se com as partes, ás costas e nas boccas dos collegas, os estorvos que tinham saído da sua. O, como já disse, *liso e lido* visconde de Villa Nova da Cerveira (depois marquez de Ponte de Lima), ministro dos negocios do reino, em quem uma grande rectidão de desejos e desestima das proprias conveniencias, e a mais subida elevação de sentimentos e generosidade d'alma, se viam a miudo paralyticadas pela sua habitual distracção, e irresolução no conselho e nas obras, dilatava infinitamente o expediente com interloquções continuas, para obter esclarecimentos superfluos ou inuteis: assim como ha pennas que, correndo arrebatadamente, precipitam as resoluções, ha outras que, por nimio aparo ou apuramento, impedem que os negocios voem. Martinho de Mello, que el-rei D. João V metterá á força na patriarchal, e que el-rei D. José, por uma excepção da regra, fez, mau grado ao seu guia, ministro da marinha, resuscitada por este antigo conego, e do ultramar, que ainda aguarda um resuscitador, tendo, por esta habili-dade e especialidade, passado para o novo governo, onde estava mais solto de mãos e de lingua, era da laia de gente de bom senso, efficaz e ener-gica, que frisa com os homens de genio; fazendo a sua rigidez de principios e inflexibilidade d'ani-mo que elle embicasse em tudo e em todos. Emfim, o manso e molle Ayres de Sá, que o marquez de Pombal, seu parente e patrono, passara da quiete e grata côrte de Napoles para a então contra nós fragueira e rixosa côrte de Madrid, quando quiz que a nossa legação ali fosse surda, e que, por morte do languido D. Luiz da Cunha, (sobrinho do grã-diplomata do mesmo nome) fez ministro dos nego-cios estrangeiros e da guerra, por crer que, n'esta repartição, onde o omnipotente ministro fazia tudo, era bom que o chefe nominal fosse mudo, fi-cando este depois conservado, por aquelle *senão*, que em algumas occasiões é prenda, no mesmo pos-to, sem outras inspirações que as dos seus bons sentimentos, *levava* elle assim, por me servidas

suas proprias expressões, *a vida pachorrentamen-te, para não viver depressa*, sendo tido em conta de uma honesta e perfeita nullidade politica. Todas estas personagens (salvo o cardeal, por não dar som de si) mais rapida e vivamente expressadas e esculpidas, por meio da physionomia e acção, n'uma decima (1), que então teve muita voga quando ain-da se não tinha introduzido na sciencia ou littera-tura historica o genero de retratos politicos, po-deriam, apesar de tudo, fazer algum bem a Por-tugal se, dando desde o principio de mão aos con-selhos turbados das paixões, curassem mais de re-parar as injustiças e violencias feitas pelo governo precedente, e de retocar e prefazer as reformas uteis que elle operara em todos os ramos da administra-ção publica, que de fartar a sede de graças e de vin-ganças de ambiciosos, todos occupados na expugna-ção dos empregos, e dos homens rancorosos, que, não contentes da elongação do planeta que lhes fóra desfavoravel, queriam ver logo totalmente eclipsada uma celebridade em fama, que não se vence nem se perde em pouco tempo: mas os odios das facções não reflectem; o espirito de partido, que é o mais besta de todos, doe-se mais do fulgor que do ardor dos contrarios; e, finalmente, na balança dos ministros existentes, que governam como se enfro-nham no governo, pesam pouco as memorias dos ministros mortos ou caídos; vindo talvez d'aqui a gana que o bom Ayres de Sá tinha de viver, para escapar o mais tempo que lhe fosse possivel á jus-tiça prematura dos seus successores. Não tendo eu, por minha parte, podido fugir a estas reflexões, deit-ando, porém, aqui um veio de prudencia sobre mui-tos desconcertos, ou, para usar da phrase mais mo-derada de um espirituoso escriptor, *inconmodos da realidade*, que deslustraram aquella era de luzes, elegancia, e urbanidade, passarei a pintar o espec-taculo variado que no noite de 21 d'Agosto de 1779 em que se festejava o decimo nono anniversario do nascimento do principe D. José, offerecia a bella e esplendida galeria de Queluz, procurando eu figu-rar os diversos grupos, sem os confundir, e pintar as personagens, hoje todas mortas, e por isso im-moveis, que personificavam os costumes e o espir-ito d'aquella epoca com as suas feições e côres, que as pessoas vivas, e, como taes, movediças, no meio de tantas vagas e ondas de mudanças, ora a favor da ordem, ora assopradas furiosamente pelo amor da liberdade, não deixam bem copiar; e visto que a melhor pintura é a que retrata a forma e a falla, darei tambem uma idéa dos dialogos entre os dife-rentes interlocutores.

No topo da *Sala das Serenatas* estava a familia real, cujos delineamentos physicos e moraes já ti-rei, fallando, depois da recepção do corpo diplo-matico, com varias personagens differentemente notaveis da côrte.

A rainha D. Maria I trocava algumas palavras insignificantes, e por forma, com seus bonesses, mas um pouco cansativos tios os senhores D. Antonio e D. José, filhos naturaes d'el-rei D. João V, e legitimados por el-rei D. José, vulgarmente cha-mados ainda depois de velhos, *os meninos de Pal-lava*, pelo sitio suburbano de Lisboa que habitam desde a sua infancia, e aos quaes o instruido memoriao e amuado corteção conde de S. Louren-ço, que punha alcunhas mesmo aos que já tinham outras (2), chamava S. *Chrispim* e S. *Chrispintia* no pelo martyrio que aquelles dois irmãos insepa-raveis tinham, por um sentimento ministerial,

- (1) Eis aqui a decima:  
 O negocio se propõe;  
 Duvida el-rei meu senhor;  
 Atrapalha o confessor;  
 Angeja a pagar se oppõe;  
 Nada a rainha dispõe;  
 Martinho marra esturrado;  
 Ayres não passa d'honorado;  
 E o visconde, em conclusão,  
 Pede nova informação;  
 Fic'o negocio empatado.

(2) Este camarista inoffensivo d'el-rei D. Pedro, em quem o marquez de Pombal se vingou da opposição que ás cegas lhe fazia aquelle principe, perguntando um dia a Nicolau Tolentino d'Almeida, afflicto com dôres de dentes, se queria fazer uso do segredo de um jesuita que fóra seu companheiro de carcere, replicou vivamente o sempre chistoso poeta: — se é um em que elle esteve preso dezoenove annos, não senhor.

soffrido no Bussaco até aos primeiros dias do novo reinado. El-rei D. Pedro fallava ainda mais sobre posse com o, em tudo grosso, cardeal patriar-chia Silva, feita mal feita do ministro caído, mimoseada pelo epigrammista D. Gastão da Camara com o frisante appellido de *animal mitrado*, e de quem o bobo arlequin Estacio dizia que, se sabia theologia, a elle o devia, por lh'a ter feito aprender n'um livro castelhano, visto não ser aquelle prelado avezado ao latim. Em contrario d'estas praticas forçadas, conversava mui grata e affavel-mente a rainha mãe com o tão intelligente e ex-periente como alegre, franco, e generoso José de Seabra da Silva, (cuja agradável e instructiva com-panhia eu, ao sair da puericia, frequentei) recém-chegado do presidio das Pedras Negras, onde paga-ra a pena de uma importante revelação que fi-zera áquella princeza (1), e merecera a graça, que d'ali a cinco annos lhe fez a soberana, de o rein-tegrar no posto de ministro da corôa. O principe D. José, em quem, apar da gentileza, e de um, talvez nimio, brio juvenil (2), brilhavam os talen-tos da natureza desinvolvidos pela educação forte, viril, e sã, que lhe dava o eximio bispo de Be-ja, D. fr. Manuel do Naculo, discorria sobre a guerra do Sul com o marquez de Lavradio, homem de grande ser e respeito, e modelo consummado de urbanidade delicada, que com energia e sagaci-dade tinha por longo tempo, e em circumstan-cias criticas, vice-reinado no Brazil, onde deixou honrosas memorias, e que dentro em poucos me-zes foi nomeado mordomo-mór da princeza D. Maria Francisca Benedicta. Esta formosa e amavel princeza, e sua não bella, nem tão agradável, mas igualmente boa irmã a infanta D. Marianna, que eram a personificação do pensamento religioso ap-licado a obras de caridade, tratavam da fundação de um estabelecimento pio com monsenhor Mascarenhas, prelado mui douto, que passou a sua vi-da repartida entre letras e virtudes, e o padre Theodoro d'Almeida, congregado da casa do Espi-rito Santo, e homem de virtude tambem esclere-cida e indubitada, e que a uma grande agudeza, e viveza d'imaginação, e a um genio suave e ale-gre juntava uma copia de conhecimentos em sciencias physico-mathematicas, que divulgou em Por-tugal com a mesma fortuna e pelo mesmo metho-do do celebre abbade Nollet; merecendo pelo seu amor do proximo, o titulo de genio da beneficencia.

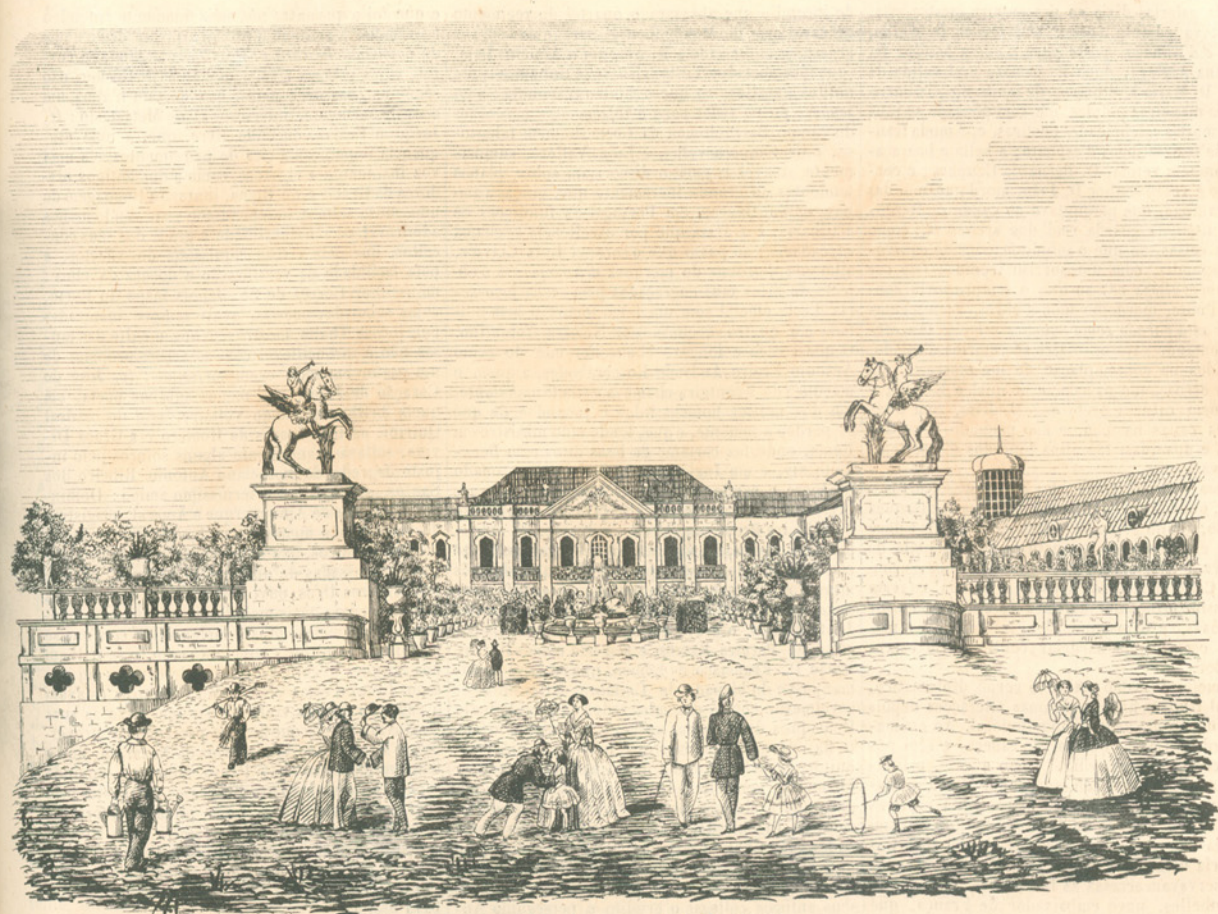
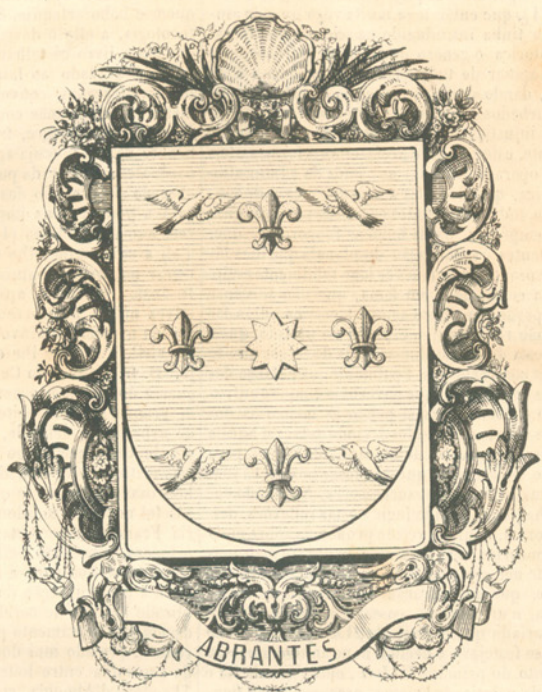
O infante D. João, que contava apenas doze annos, mostrava aos seus dois amigos d'infancia Fran-cisco da Cunha e D. Vasco da Camara um lindo presente que o embaixador de França acabava de offertar-lhe da parte de Luiz XV, que havia sido seu padrinho de baptismo: e a linda infanta D. Marianna Victoria que, com a doçura do seu ge-nio, mas não podendo suster o riso, narrava á tam-bem macia e serena D. Maria Joanna de Lima, sua dama camarista, o caso tragi-comico e recente do gordo viador D. Christovão de Vilhena, e do seu não menos obeso collega D. Tristão da Cunha, que só puxados por cordas, poderam sair de uma sege em que ficaram enleitados; d'onde o primeiro veio a dizer na linguagem burlesca em que fallava: *cum Tristanis nada*.

N'um grupo de senhoras e homens de côrte, on-de já não figurava a discreta e diamantina duque-za d'Abrantes, ali supprida pela achacosa marque-za de Villa Flor, camareira-mór e aia dos princi-pes, viam-se tambem a velha e quasi morta mar-queza D. Maria Caetana da Cunha, camareira-mór da rainha mãe; a viva e desenfafiada dona do honor D. Igenez Breyner, que, para lograr a boa

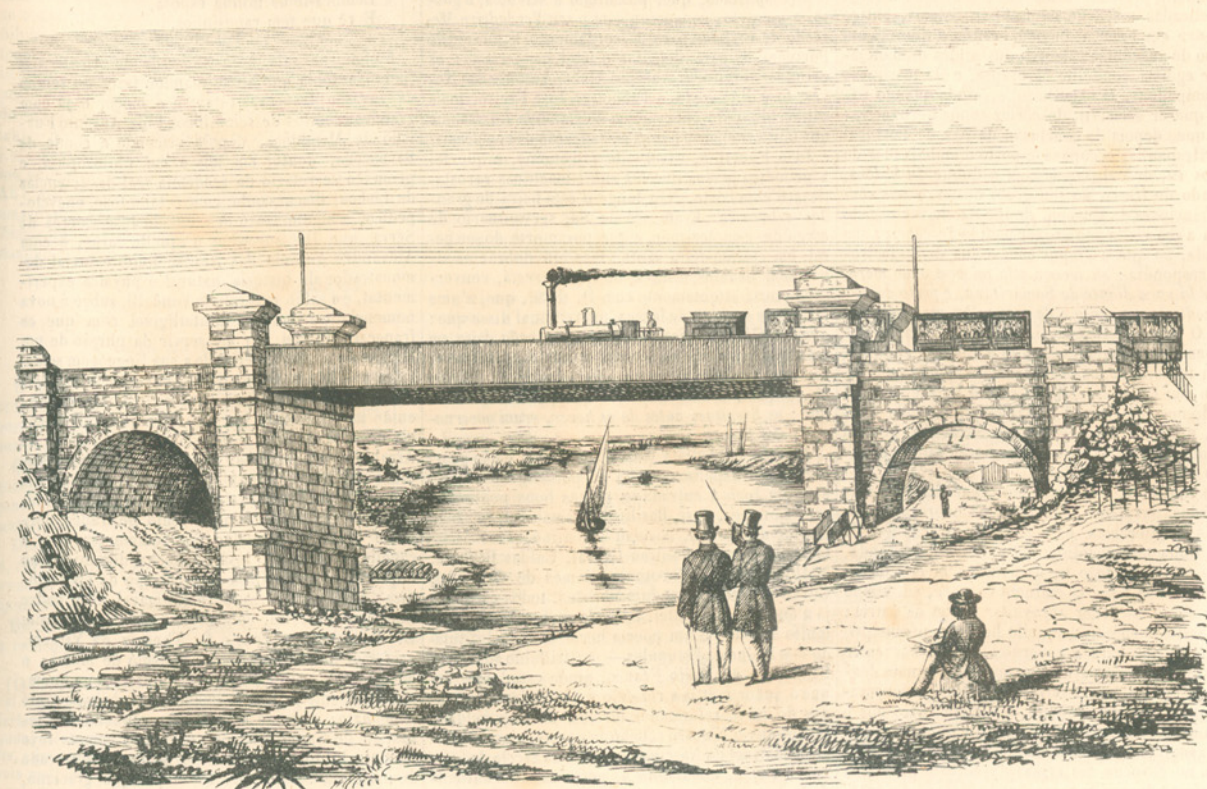
(1) A verdadeira causa d'esta desgraça, attribuida por algumas pessoas a um abuso de poder, foi o conheci-mento que teve o marquez de Pombal da revelação, que José de Seabra, por via da açafata D. Isabel da Gama, fizera á rainha mãe, do projecto, assim mallogrado, que o marquez formara, e queria executar de extorquir por surpresa a renuncia dos direitos successorios da prin-ceza depois rainha D. Maria, em favor do seu primo-genito.

(2) Este principe, que tinha muita alma, foi na sua idade ardente, seduzido pela philanthropia romanesca do imperador José II, que na Allemanha meridional arremedava o poeta, philosopho, musico e guerreiro Fred-rico II.

(1) Gabando-se este rei um dia de similhante prenda diante d'um corteção, que, como muitos, não cessava de supplicar, respondeu-lhe este: — pois bem, se vossa magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco modos de pedir.



Jardim, e parte do palacio real de Queluz.



Caminho de ferro de leste. Ponte de Sacavem.

vista da galeria, dizia ao prazenteiro mestre-sala, que estava adiante d'ella: *oh! senhor D. António, já que é d'Almada, passe para a outra banda*; D. Marianna Arriaga, dona da camara mui valida da rainha D. Maria I, e pessoa de muito discernimento, e de maneiras polidas, em cuja pousada se juntavam muitas celebridades poeticas, e, á moda franceza, se faziam jogos d'espirito; á bella e boa açafata, tambem valida, D. Bernarda Caupers; o corpulento e vesgo senhor D. João, mordomo-mór das duas rainhas, que perguntava ao conde de Rezen-de, capitão da guarda real dos arceiros, como iam as coisas, ao que o sabido fazedor de equivo-cos respondia, com um sorriso ironico: *isto eae como vossa alteza vé*: ao que o sempre jovial con-de da Ponte, mordomo-mór d'el-rei, acrescentava: *ou está parado como aquellos relogios sem cordão*, apontando para os quatro secretarios d'estado, entretidos na contemplação de um morcego que andava esvoaçando na sala, e ao qual o Estacio, e a tambem caturra preta anã D. Rosa, com duas grandes canas na mão, e não pequeno risco dos lustres e dos quasi tão altos toucados d'esse tempo, davam caça.

N'uma roda de camaristas e viadores, novos e velhos, onde já não avultava o autorisado marquez d'Alvito, ao do principe, vendo-se ainda ali a doce e fina expressão da sympathica physionomia do marquez de Marialva, entre seus tres filhos os condes de Cantanhede, dos Arcos, e d'Atalaia, estavam bem assim o ingenho marquez de Penalva, cultor das musas, e o marquez de Fronteira, que não perdia occasião de dardejear contra quem estava no poder.

No meio do salão estava o corpo diplomatico, no qual tinham havido algumas alterações depois do ultimo ajuntamento n'aquelle local. Ao estimavel cardeal Conti, homem de cabeça, e sem pós no cabelo, tinha succedido, como nuncio, o limitado e muito apovilhado monsenhor Mutti, verdadeira caricatura, que, entre estronados espiritos exclamava: *al diavolo sia fatta questa illuminazione*, cada vez que o tossego Agostinho José Gomes abria uma porta para o jardim, afim de ver se se conservavam accesas as luminarias. O marquez de Bombelles, novo embaixador de França, que se assimilava na figura, na estatura, e nos gestos d'aquelle prelado, machucava com toda a força as delicadas mãos de monsenhor Salema, antigo ministro em França, homem brando e que era um tombo de anedoctas galantes dos salões do motejador e egoista conde de Maurepas, e da marqueza de Pompadour. O orgulhoso, e, ainda quando parecia querer ser civil, descortez conde Fernan Nunes, que, depois da conclusão da paz de Portugal com Hespanha, occupava o posto d'embaixador de Carlos III, desculpava-se com o duque de Lafões, chegado do fresco do seu grato desterro nas côrtes principaes da Europa, de lhe não haver pagado ainda a sua visita por não ter podido descobrir a sua morada, ao que o duque com a sua delicada ironia, respondia: *eu mesmo não sei bem onde moro, mas é lá para diante da Samaritana, e perto do embrechado de um santo e de uma velha que vende melões*. O principe Raffadalli, ministro de Napoles, e tambem recentemente chegado a Lisboa, onde brilhava mais pelas suas aguas marinhas que pelo fogo do seu ingenho, fallava com o bom e serviçal D. Miguel de Portugal. Finalmente, o conde Fontana, ministro, tambem novo de Sardenha, homem metido comsigo, conversava com o elegante e chameiro epicurista Aguillar.

No fim da sala estavam muitos militares e magistrados conspicuos, e não poucas nobrezas scientificas e litterarias, para as quaes o principe D. José tinha uma decidida inclinação, alphabetando, como el-rei D. João II, os nomes d'ellas e de todas as outras pessoas eminentes, para, em tempo competente, as poder aproveitar a bem da patria; que assim se ensaiava aquelle herdeiro presumptivo do throno para o governo! Avultavam entre estas diferentes capacidades, muitas das quaes dentro em poucos mezes formaram a illustre corporação que provocou, animou, e dirigiu entre nós o movimento intellectual, o aspero e teimoso conde da Azambuja, successor do não menos rigido Mac-lean no governo das armas da côrte e provincia da Estremadura, e que, recebendo parte de um gran-

de incendio que abrasara o quartel do regimento de cavallaria de Mcklemburgo, perguntava em voz grossa, e enfurecido a D. Antonio d'Almeida Beja, (que fôra portador d'este aviso) se se tinham salvado muitos cavallos, ao que o capitão respondia: *não, senhor, foram todos para o inferno*. Os marechaes de campo Bartholomeu da Costa, homem talentoso, e de tempera velha, e Luiz Valleré, summamente amavel e perito, discorriam sobre planos tendentes ao grande incremento que, graças a ambos, então tiveram em Portugal as fundições de artilharia, e a arma que por excellencia se chama *engenharia*; ao passo que o coronel Luiz Clavier, ajudante d'ordens do marquez d'Angeja, era o objecto de ditos mui engraçados pela scena jocosa d'este official com um leigo torto tão bem pintada em quatro decimas por Nicolau Tolentino. O quasi cego e longove chanceller-mór do reino Antonio Freire Andrade Encerrabodes, a quem o marquez de Fronteira chamava o *seculo ambulante*, um dos muitos homens lidos e jucundos de que se perdeu a semente, e que, tendo sido ministro em Roma, onde fez certame de bons ditos com Benedicto XIV, e em Inglaterra, onde foi mui estimado de Jorge I, sendo, sem que se soubesse o porque, preso na torre de Belem, abraçava a Gonçalo José da Silveira Preto, magistrado instruido, de entendimento repousado, mui pratico nos negocios, de são conselho, e que passava por ser o mentor de dois ministros, dizendo-lhe ao ouvido: *é grande canseira, amigo, ser desasnador de parvos e teimosos*. Junto d'elles, o grave e sisudo procurador da corôa João Pereira Ramos, e seu não menos illustre irmão D. Francisco de Lemos, que acabava de tomar posse do bispado de Coimbra, fallavam amiavelmente com o desembargador do paço Antonio Henriques da Silveira, antigo e mui distincto lente da universidade, mas que, pela sua figura mesquinha, e pela coroinha que tinha de minorista, foi muitas vezes tomado por um sachrista. N'um grupo de ecclesiasticos via-se o padre Antonio Pereira de Figueiredo, defensor acerrimo das liberdades gallicanas, e das doutrinas pistoienses, de que algumas pessoas procuravam vamente remover-o, fallando em assumptos litterarios com os seus antigos collegas o erudito e perseguido Antonio Verney, seu irmão Diogo Verney, homem de critica ajustada, que, possuindo a sciencia, o gosto, e o estylo, concorreu com o seu *Verdadeiro Methodo de Estudar* para o acordamento litterario de Portugal, e para debellar o fatal *gonorismo*: os eximios philologos Antonio Alves, Antonio das Neves, José d'Azevedo, e Francisco José Freire, mais conhecido pelo anagramma de *Candido Luzitano* e que tanto cooperou para a restauração da boa poesia; e João Faustino, excellente astronomo, e que foi a primeira pessoa que fez subir machinas aerostaticas n'esta côrte. Não longe d'esta feira de grandes sabios fr. Francisco de Sá, serventuario do cargo de esmoler-mór, e que por morte do seu geral, em quinta-feira santa, mandou dobrar os sinos sem badalos, estava, ao que parecia, conversando mui attentamente com D. de S., que, n'uma falla que acabava de fazer n'um tribunal disse que: *quando Christo creou o mundo poz cada coisa em separado para que os homens as não confundissem*; estando tambem ali como interlocutor L. M. de M., o qual, n'uma memoria que publicou, refere que: *os hospitaes antes de os haver, eram governados pelos bispos*.

Na sala immediata (fornada de seda, e não guardada de espelhos, como eu por engano disse,) estavam logo á entrada os nossos bons poetas Diniz, Gonzaga, José Basilio da Gama, Durão, João Xavier de Mattos, Nicolau Tolentino, José Anastacio da Cunha, Paulino Cabral, Caldas Barbosa, Mathias Azedo, Theotónio Gomes de Carvalho, Curvo Semedo, e os dois Malhões, todos os quaes já n'outra parte pinteji, fallando em voz baixa, com muito louvor, d'um poema heroe-comico intitulado — o Reino da Estupidez —, e attribuido ao doutor Francisco de Mello Franco, ainda estudante, em que o autor mettia a ridiculo as ninharias retrogradadas do novo reformador e reitor da universidade de Coimbra. N'outro rancho de poetas, via-se Francisco Manuel do Nascimento, filho da escola de Garção e Diniz, e imbuido no gosto da sabia antiguidade, bem que seguisse livremente um trilho novo,

e que foi o que entre nós mais finamente entendeu e executou o artificio d'estylo a que se deu o nome de *harmonia imitativa*: Domingos Maximiano Torres, cujas elegias rivalisam com as de Gesner, não sendo as suas cançonetes, que deixam n'alma um ecco de harmonia, inferiores ás de Metastasio: fr. Joaquim Forjaz, engenho livre, que, a uma ellecção impetuosa e rica de pensamentos, e a uma voz insinuante e vigorosa, a dos antigos oradores da Grecia e de Roma, juntava a linguagem de uma musa solta e independente; não sendo menos admiravel pela naturalidade e graça dos seus conceitos, que pela viveza riquissima dos affectos, e pela facilidade da versificação e doçura da rima: monsenhor Corrêa de Sá, depois bispo do Porto, cujas saboridas poesias, quasi sempre inspiradas pela jocosa Thalia, mostravam que o culto das musas não é inconciliavel com as acções proprias de um pastor em tudo exemplarissimo: fr. José do Coração de Jesus, não menos sublime poeta, em quem brilhavam, como Voltaire disse do cardeal Quirini, as tres Graças de Homero e a Graça Divina, soltava mansamente alguns soluços pelo injusto degredo do horaciano Antonio Ribeiro dos Santos, seu mui fiel e ternissimo amigo: Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, magistrado inteiro, não menos notavel pelos seus conhecimentos juridicos, que como poeta, e cujas produções, repassadas de uma meiga ternura, eu que tantas vezes lh'as ouvi recitar n'um tom de voz que as tornava mais melodiosas e expressivas, folheio com o mesmo prazer melancolico com que se desfolham as ultimas rosas do verão, e se trilhavam nos bosques as folhas caídas e descoradas no outono. Junto d'estas celebridades poeticas estavam o padre Braz, que vinha de dar em verso as suas — Novidades —, que ficaram passando em proverbio, e o alto e narigudo prior da Nazareth, autor tambem burlesco do — Palito Metrico — ouvindo repetir ao doutor Matta uns versos compostos pelo engraçadamente picante Lobo, pintando a tormenta que correu, vindo de Salvaterra para Lisboa, o doutor Estevão Manuel Raposo, versos, que eu sabia e esqueci, e nos quaes vinha uma invocação d'este medico da camara a Neptuno que acabava assim:

Lembra-te da minha esposa,  
E vé que tem raposinhos.

Emfim, na sala hoje chamada do *Alenternim* (pela claraboia que ali se mandou fazer no tempo da invasão franceza) estavam o moço, e já com grandes creditos de scientifico, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, depois visconde e conde de Barbacena, doutor em leis e em philosophia, e primeiro secretario da academia real das sciencias de Lisboa, discursando, com o talentoso encyclopedico, e algum tanto desconfiado José Corrêa da Serra, que lhe succedeu n'aquelle cargo, e com Alexandre Antonio das Neves, douto e jovial demonstrador de historia natural e physica experimental, e o sabio naturalista Vandelli, sobre a nova nomenclatura barbaero-inintelligivel com que os francezes tinham, por me servir da phrase de um homem de genio, abarrotado a sua linguagem scientifica nos livros de medicina, chymica, e historia natural: e chegando-se a estes quatro homens um, então mui influente, que lhes fallou na conveniencia de se fazer uma plantação de chá na serra da Arrabida: *eu, por mim*, respondeu Alexandre Antonio das Neves, alludindo á falta de cuidado em promover a cultura do trigo, *digo que, antes do chá, devem vir as fatias*. N'um circulo de frades, formado junto ao corredor que comunica com a capella, viam-se fr. José da Rocha, dominico fino e que tinha predominio no arcebispado de Thessalónica; o bom conversador e estimavel nery padre Bonifacio Ferreira, confessor da senhora infanta D. Marianna; o cruzado D. Thomaz da Virgem, professor de philosophia no collegio de Mafra; o menos agudo grillo fr. José da Consolação a quem, materialmente fallando, chamavam *cabeça de santo Athanasio*; o manso e instruido capucho fr. Sebastião de Santo Antonio; o grande cometa loyo Antonio Pinto, depois conego de Braga e atacado de um grande fastio; fr. Antonio Forjaz, graciano, que não tinha as graças oratorias e poeticas de seu

enfrade e irmão fr. Joaquim; fr. José de Moraes, bernardo de muito tino; o douto beneditino fr. José de Santa Escolastica; e fr. Alexandre Palhares, franciscano bem fallante apesar de lhe tardar a falla, ouviam, com riso amarello, um soneto de Paulino Cabral satyrisando as corporações a que aquelles religiosos pertenciam, e que o singelissimo ex-jesuita, e pouco feliz hyraulico, Estevo Cabral lhes repetia. (1)

N'um grande grupo em que se distinguiam Joaquim Ignacio da Cruz, thesourciro-mór do erario, homem talhado para merecidamente occupar maiores empregos, seu irmão Anselmo José da Cruz, alma grande em corpo pequeno, os lentes Paschoal José de Mello Freire, contra cujo compendio de direito patrio se tinha levantado um grande partido, e Manuel Paes de Aragão, ou *Dragão* Trigo, como lhe chamavam os estudantes para pintar o seu semblante que não devia nada á formosura e a sua excessiva severidade; e José Ricalde Pereira de Castro, a quem o moço conde de Tarouca perguntou *como anda?* ao que elle sempre de bom humor, respondeu: *para diante*; tornou-lhe o conde: *pois não é pouca habilidade, em quem figurou tanto no antecedente reinado, ir tambem n'este diante, quando outros que estavam nas mesmas circumstancias tem desandado ou perdido o trilho.* Viam-se tambem na mesma sala, entre outros artistas, o velho Francisco Vieira, melhor pintor que poeta, e condecorado com o habito de S. Thiago que trazia dentro d'uma concha, queixando-se ao gordo e jocoso leigo marianno fr. Bernardo, denominado *bispo de Saragoça*, e mui estimado do arcebispo inquisidor geral, de que o santo officio não deixasse passar um trecho da vida, que elle compozera em verso e queria imprimir, de sua adorada e fallecida esposa; achando-se tambem ali Pedro Alexandrino de Carvalho, que pintara os retabulos dos tres altares da capella de Queluz; Parodi, que fizera os retratos mui parecidos de um grande numero de pessoas da corte, e Luciano José dos Santos, João de Sousa de Carvalho, e Antonio Leal Moreira, excellentes compositores de musica.

A um signal dado por Pedro José da Silva Botelho, director dos theatros reaes, abriram-se as portas para o corredor em que está a escada que conduzia ao antigo theatro no mesmo local onde se construiu o quarto alto de que fallei, e que habitou a rainha D. Maria I depois de viuva; indo toda a corte assistir á representação do drama intitulado — La Galathea — composto por Metastasio, posto em musica por Antonio da Silva, e executado sob a direcção de João Cordeiro, pelos excellentes cantores recém-chegados d'Italia José Orti, Luiz Torriani, José Romanini, e Violani que cantou primorosamente a bella aria da scena final — Ah! taci Alcide amato —, depois da qual houve uma dança da composição de Alberti, chamado *il Tedeschino*; terminando a funcção por um vistossissimo fogo de artificio.

MARQUEZ DE REZENDE.

#### A villa de Abrantes.

E' esta villa uma das mais antigas não só da provincia da Estremadura, mas de Portugal. Attribue-se a sua fundação aos gallos celtas, 308 annos antes do nascimento de Christo.

Esteve prospera sob o dominio dos romanos, os quaes lhe deram o nome de *Tubuci*, posto que alguns antiquarios querem que esta denominação pertencesse á villa de Tancos.

Destruído o imperio romano pelos povos do norte, em breve estes invadiram a peninsula hespanica (anno de 409) e assim passou Abrantes successivamente de uns a outros possuidores.

Durante o governo dos godos, ao que parece, se começou a chamar *Aurantes*, pela razão do

muito oiro, que ahi se tirava das aréas do Tejo.

Invidida novamente a peninsula pelos arabes no seculo VIII, vencidos a seu turno os godos, e aniquilado o seu poder, ficou Abrantes sob o jugo sarraceno. Os moiros chamaram-lhe *Libia*.

No anno de 1148 foi conquistada pelas armas christãs, tendo á sua frente a D. Affonso Henriques, o illustre fundador da monarchia. Passados trinta e um annos veio pór-lhe cerco com poderoso exercito Aben Jacob, filho do Miramolim de Marrocos. N'este estreito assedio obraram os seus moradores singulares proesas, até que tiveram a fortuna de ver o inimigo, desbaratado e desalentado, levantar seus arrayas, e recolher-se ás suas terras. Em remuneração d'este feito concedeu-lhe D. Affonso Henriques muitos privilegios.

Com a expulsão dos moiros perdeu logo o nome, que estes lhe tinham dado, pois que os portuguezes começaram a chamar-lhe *Aurantes*, corrupção do de *Aurantes*. Aquelle tambem com o tempo se corrompeu no de Abrantes, que actualmente tem.

Querem alguns autores, que em uma reunião de côrtes a que concorreram os procuradores d'esta villa, se travara entre estes e os de Torres Novas uma acalorada disputa sobre a precedencia de usarem da palavra, e que el-rei decidindo a questão em favor dos primeiros, lhe dissera — *Hablad antes* (fallae antes), d'onde se originou á villa o nome de *Ablandantes*, corrupto depois em *Abrantes*. Na historia dos godos vem denominada *Ablandes*. Comtudo a primeira ethymologia parece-nos a mais verdadeira.

Está situada a villa de Abrantes na margem direita do Tejo, em logar elevado, o que lhe dá a vantagem de desfructar deliciosas vistas do rio, e dos aprasiveis campos e montes, que a rodeiam, onde se vêem muitas hortas e pomares.

No seu principio constava unicamente de duas grandes ruas, chamadas — a rua Nova, e a do Castello, que corriam junto d'esta fortaleza, que lhe ficava a cavalleiro. Depois arruinaram-se aquellas, e foi-se estendendo a villa pelo dorso do monte até um sitio cheio de salgueiras, dos quaes ainda conserva a memoria em nome da fonte do Salgueiro. A sua população anda actualmente por umas cinco mil almas. Distã cinco leguas de Thomar, e vinte e tres de Lisboa. Deu-lhe foral el-rei D. Affonso Henriques em 1179. o qual foi reformado por el-rei D. Manuel em 1510. Nas antigas côrtes tinham assento os seus procuradores no banco nono.

Tem quatro parochias, S. Vicente, S. João Baptista, Santa Maria do Castello, e S. Pedro; casa da misericórdia e hospital, varias ermidas, dois conventos de freiras, e dois das extinctas ordens religiosas. A egreja de S. Vicente é o seu principal templo, tanto pela sua antiguidade como pela grandeza, e magnificencia da sua fabrica. A sua primeira fundação é muito anterior á monarchia. Tinha por orago a Nossa Senhora da Conceição, quando o primeiro alcaide-mór do castello de Abrantes, tendo assistido em Lisboa á trasladação do corpo de S. Vicente, e obtido de el-rei D. Affonso Henriques um dente d'aquelle martyr, levou-o e depositou-o n'aquelle templo, que desde então se intitulou de S. Vicente. No seculo XVI achando-se muito arruinado, foi completamente reedificado por ordem de el-rei D. Sebastião, conservando-se só da antiga fabrica, para memoria, a capella que passou a intitular-se de Nossa Senhora da Conceição. Concluiu-se no anno de 1590.

A egreja de Santa Maria do Castello é de muita antiguidade, e duvidosa origem. E' pequena, e tem tido diversas reedificações, porém encerra muitos objectos d'arte e memorias historicas, nos tumulos da familia dos marquezes de Abrantes, que ahi tem o seu jazigo. O mausoleo de Diogo Fernandes d'Almeida, vedor da fazenda dos reis D. Duarte, e D. Affonso V, fallecido em 1450; e o de D. Antonio d'Almada, que morreu em 1536, são de muita belleza e primor artistico.

O mosteiro de Nossa Senhora da Graça, de religiosas dominicas, teve principio no anno de 1384. Fundou-o D. Vasco de Lamego, bispo da Guarda, e foi habitado por conegas regulares de Santo Agostinho; e no anno de 1548, tendo passado as freiras sete annos antes á observancia da regra de S. Domingos, se mudaram para o novo convento, cons-

O outro convento é de freiras franciscanas, e da invocação de Nossa Senhora da Esperança. Este foi modernamente supprimido.

O extincto convento de freades de S. Domingos, que se intitulava de Nossa Senhora da Consolação, foi obra de el-rei D. Manuel, que o acabou em 1517.

O de Santo Antonio, de piedosos, foi edificado por D. Lopo d'Almeida em 1526.

Sobrancelheiro á villa, como dissemos, fica o seu antigo castello, e ahi tambem um bom palacio dos marquezes d'Abrantes, seus alcaides môres.

E' esta villa praça de guerra desde o tempo da regencia do principe D. Pedro, depois rei, segundo do nome, que mandou fazer as fortificações modernas, a que posteriormente se acrescentaram algumas obras. Padeceu muito na guerra da restauração contra Castella, e na invasão dos francezes em 1807 teve de franquear as suas portas ao marechal Junot na sua marcha sobre Lisboa.

Abrantes tem algumas boas ruas, e uma grande praça, que é a principal, onde se ergue a casa da câmara, edificio espaçoso e regular, construido no seculo passado.

A feira annual, a 24 de Fevereiro, é muito concorrida. Finalmente Abrantes faz um grande commercio com Lisboa por meio do Tejo, e tem por armas quatro flores de liz, e quatro corvos, com uma estrella no meio, em campo azul. Veem-lhe as flores de liz do seu primeiro alcaide-mór; que teve parte na conquista de Lisboa, e parece era de origem franceza. Os corvos se lhe juntaram em honra e memoria de S. Vicente, por causa da reliquia que lhe foi levada. A estrella dizem uns que é em signal de ter sido terra de moiros, e outros em commemoração de ter tido por orago da sua mais antiga parochia a Nossa Senhora da Conceição.

Residiram por vezes n'esta villa el-rei D. Manuel, e a rainha D. Maria, sua segunda mulher, que n'ella deu á luz os infantes D. Luiz, e D. Fernando. Este ultimo, que foi casado com D. Guiomar Coutinho, essa rica herdeira, filha do conde de Marialva, cujos amores com o marquez de Torres Novas, filho de D. Jorge, duque de Coimbra, formam o mais singular e complicado romance da historia portugueza, habitou tambem n'esta villa n'umas casas que, no seculo passado, pertenciam ao morgado Manuel Soares Galhardo Themudo Caldeira.

Egualmente assistiram em Abrantes, em diversas occasiões, el-rei D. Pedro I, o infante D. Pedro, filho de D. João I, el-rei D. João II, e sua nora a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos Isabel e Fernando.

#### A villa de Albufeira.

Está situada esta villa no reino do Algarve, sobre o mar, sete leguas ao nascente da cidade de Lagos, e duas ao sueste da cidade de Silves.

Não ha noticia certa da sua fundação, mas deve ser muito antiga, pois que já existia antes da invasão dos moiros com o nome de *Baltum*, de origem romana. Logo que os arabes se apossaram d'ella começaram a chamar-lhe *Al Buhar*, que significa o *mar*, isto por causa de uma grande lagoa, que ahi havia, formada pelas aguas, que o oceano arremeçava para o interior na occasião de temporaes ou nas grandes marés. D'aquella palavra arabe se derivou o nome actual de *Albufeira*.

Foi conquistada aos moiros por el-rei D. Affonso III, que fez doação d'ella á ordem militar de Aviz. Depois d'esta conquista decaiu bastante, por que se lhe acabou o elemento que fazia a sua prosperidade, e que consistia no importante commercio de exportação e importação, que os seus habitantes faziam com as povoações d'Africa.

Com o decurso do tempo e com o desenvolvimento do paiz, foi melhorando, e tirando partido do seu porto tanto para o commercio, como para a pescaria, que n'aquella costa é objecto de grande importancia. O terramoto do 1.º de Novembro de 1755, que arruinou tantas terras do Algarve, causou-lhe bastantes estragos, que ao depois se foram reparando. Ao presente conta esta villa mais de dois mil e quinhentos habitantes.

Acha-se edificada sobre uma rocha sobranceira

(1) Para comprovar a singeleza do padre Estevo Cabral bastará dizer que, ouvindo elle cantar a senhora D. Marianna Victoria n'um serenim que houve no paço da Ajuda, virou-se para D. Lucas Giovini, dizendo em voz alta, e em ar de quem fazia um comprimento: — a rainha canta mal, mas é desafiada, — o que excitou o riso d'esta princeza e de toda a companhia.

ao mar, parte em sitio plano, e parte no declive para a praia. Aquella é fortificada, e dominada por um velho castello, de que eram alcaides-móres os condes de Valle de Reis, de seus marquezes de Loulé.

Tem uma só parochia, dedicada a Nossa Senhora da Conceição. A casa da misericórdia e hospital são de antiga fundação. A 3 de Fevereiro tem uma feira de tres dias bastante concorrida.

O seu porto é espaçoso. Duas pontas de terra, que entram pelo mar, uma do lado do nascente chamada—o *Porchel*, e outra do occidente denominada— a *Baleira*, apresentando a feição de uma meia lua, formam uma boa enseada, ainda que não muito abrigada. A praia é tão vasta, que dizem ter uns tres mil passos de comprimento sobre duzentos de largura, porém não preamar é toda coberta pelas ondas, que vão bater contra as rochas, que servem de alicerce á villa.

Albufeira gosou outr'ora da regia de mandar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco quinze. O seu brasão d'armas é uma vacca de ouro em campo azul.

#### A villa d'Alcaer do Sal.

Trinta annos antes do nascimento de Christo, segundo escrevem alguns historiadores, Bogud, rei moiro d'Africa, atravessando o estreito com um poderoso exercito, invadiu e assolou grande parte da Lusitania. Entre as muitas devastações que commetteu, a que mais affligiu e indignou os habitantes foi a destruição de um celebre templo dedicado a Salacia, que se erguia junto ás margens do rio Sado.

Bogud, carregado de despojos, embarcou-se para Africa, porém no meio do Mediterraneo sobreveiu-lhe tão rijo temporal, que perdeu em lastimoso naufragio as riquezas que levava, e a maior parte do seu exercito.

Attribuido este caso á justa vingança da deusa, cresceu tanto nos habitantes a devoção para com a sua patrona, que não só reedificaram o templo com mais grandeza, mas fundaram em torno d'elle uma povoação a que deram o nome de *Salacia*. Teve esta povoação tão grande e rapido desenvolvimento, que o imperador Augusto lhe deu o titulo de municipio romano, e em memoria d'aquelle successo e honra da deusa mandou que se chamasse—*Salacia Imperatoria*.

Progrediu tanto a nova cidade no seu engrandecimento, que ha autores antigos, que affirmam, occupara um ambito de duas leguas. E com effeito n'este espaço de terreno se tem achado algumas antiguidades romanas e muitos vestigios de grandes edificios.

No anno de 300 de Jesus Christo era cidade episcopal, tinha então por bispo a S. Januario, e por esse tempo assistiu e prégou n'ella S. Manços, primeiro bispo d'Evora.

Todavia esta prosperidade não foi de longa duração, talvez por causa das muitas guerras de que foi theatro o solo da Lusitania durante a dominação romana, pois que Plinio, exaltando a sua grandeza e opulencia d'outr'ora, diz que no seu tempo se achava muito destruida.

A invasão dos povos do norte, depois da queda do imperio romano, acabou de arruinal-a, de sorte que os seus moradores, já mui reduzidos em numero, viram-se obrigados a recolherem-se ao castello, que campeava sobre uma eminencia visinha á povoação, para d'ahi melhor se defenderem contra os continuos accommetimentos de novos inimigos.

Apossando-se os moiros d'este nosso paiz no seculo viii, não trataram de levantar das ruínas a destruida Salacia, preferiram, segundo o seu systema, estabelecerem-se em uma posição defensavel, e já fortificada, como era o monte em que se achava o castello. O que fizeram foi construir uma nova cerca, que deixasse amplo espaço para dentro d'ella se abrigar a nova povoação. A esta denominaram *Alcaer de Salacia*.

O primeiro nome era commum a todos os castellos na lingua arabe; o segundo, para o differenciar dos mais, era allusivo ao muito sal, que ali se tirava do Sado desde tempos mais remotos.

A 24 de Junho de 1158 foi tomada aos moiros

por el-rei D. Affonso Henriques, depois de dois mezes de apertado cerco e continuos combates, tendo feito anteriormente o mesmo monarcha duas inuteis tentativas para a conquistar, ajudado então de armadas estrangeiras.

Tiveram os moiros a fortuna de a recuperar, e os christãos a de se apoderarem novamente d'ella a 18 de Outubro de 1217, reinando D. Affonso II, e por esforço de D. Sueiro, bispo de Lisboa, que aproveitando-se do auxilio de uma armada de cruzados, que aportara ao Tejo, foi á frente das phalanges portuguezas ataca-a por terra, em quanto os estrangeiros auxiliares a accommetiam do lado do rio. Tal era a fortaleza e defesa d'aquella praça, que deu tempo a virem em soccorro d'ella com grandes forças os reis de Badajoz, de Jaen, Sevilha, e Cordova.

Advertidos os portuguezes e seus alliados, saíram-lhes ao encontro a uma legua de distancia, e ahi se pelejaram duas batalhas tão mortíferas, que ao sitio se deu o nome de *Valle da Matança*, que ainda se conserva em uma herdade. A derrota dos moiros e a morte de dois dos seus principes, enchendo de terror os seus irmãos d'Alcaer, levou-os a entregar a praça por capitulação.

Não tornou mais esta praça a separar-se da corôa de Portugal, porém no meio d'estas encarniçadas luctas desaparecem a Alcaer moirisca, como antes d'ella desaparecera a Salacia romana. Os novos moradores, preferindo viver nos campos visinhos, foram-se estendendo pela margem direita do Sado; e apesar da mortal antipathia, que dividia as duas raças em dois campos tão inimigos, ficou á nova povoação o nome arabe de *Alcaer do Sal*, que pronunciamos com pouca corrupção do antigo.

Está pois situada a villa d'Alcaer em logar plano junto ao rio, a sete leguas de distancia da sua foz, e da villa de Setubal. Conta perto de tres mil habitantes. Tem duas parochias, a de Santa Maria do Castello, e a de Santiago. A primeira, fundada logo depois da restauração da villa em 1217 por el-rei D. Affonso II, está dentro do castello. Na architectura interior, principalmente, mostra a sua muita antiguidade. A segunda foi construida no seculo passado no centro da villa, concorrendo para a obra el-rei D. João V.

A igreja da misericórdia foi fundação de Rui Salema no anno de 1530. Além do hospital anexo a esta santa casa, tem outro intitulado do Espirito Santo que é administrado pela camara.

Dentro do castello está o convento de Nossa Senhora de Ara-celi, de religiosas de Santa Clara, fundado pelo mesmo Rui Salema, que era fidalgo da casa do infante D. Luiz. Para esta obra fez-lhe doação el-rei D. Sebastião dos paços, que os nossos reis tinham no dito castello, e nos quaes se achava o duque de Beja, D. Manuel, quando por morte de seu primo, el-rei D. João II, foi chamado ao throno.

Nos arrabaldes está o extincto convento de Santo Antonio, que foi de frades franciscanos, edificado por D. Fernando Mascarenhas no anno de 1524.

O castello de Alcaer, posto que em grande ruina, é uma curiosa antiguidade, não só pelas memorias historicas, que estão ligadas áquellas paredes desmoronadas, mas tambem porque ainda no seu vasto ambito se descobrem vestigios de grandes edificios arabes, e algumas antigualhas. Situado sobre uma eminencia, quasi toda de rocha, e sobranceiro ao rio, gosa-se d'ali um encantador panorama.

Alcaer faz bastante commercio com Lisboa, Setubal, e Beja, sendo o Sado navegavel até Porto de Rei, tres leguas acima de Alcaer. As rendosas herdades de que se compõe o seu termo, e as numerosas salinas que lhe debruam o rio constituem-na uma das mais ricas villas de Portugal. Tem uma feira importante a 14 de Abril.

Outr'ora gosou da prerogativa de mandar procuradores ás côrtes, os quaes tomavam assento no sexto banco.

Tem por brasão uma nau, e por timbre as armas reaes. Estas em memoria de ter sido a villa conquistada a primeira vez pelo proprio rei D. Affonso Henriques. A nau em recordação da armada de cruzados, que auxiliou n'aquella empresa o monarcha portuguez.

#### O caminho de ferro de leste.

##### A PONTE DE SACAVEM.

Ainda ha poucos annos se julgava um sonho de utopistas a fundação de um caminho de ferro n'este paiz, que parecia isolado e esquecido no meio dos progressos geraes da civilização. E na verdade havia desculpa, senão razão, para esses incredulos.

Quem via e sentia o estado de abatimento e turpor, a que nos tinham reduzido primeiramente as guerras estrangeiras do começo d'este seculo, e depois as nossas luctas civis, tão encarniçadas e porfiosas; quem se recordava de como se tinham consumido os annos de meio seculo, sem se dar a este misero paiz o impulso, que elle reclamava, esse impulso civilizador, que estava operando por toda a parte tão maravilhosas transformações; quem, finalmente, afastando os olhos d'esse triste quadro do passado, encarava no presente obstruidos tantos rios e portos, derrocadas tantas pontes, arruinadas e intransitaveis quasi todas as estradas, não podia crer na possibilidade de termos em breve um caminho de ferro.

Entretanto, quiz a Providencia, que vela sobre as nações, que apparecesse entre nós mão patriótica e arrojada, que, travando da roda do infortunio, desse realidade ao que pouco antes parecia ser uma utopia.

Começou-se emfim a obra gigantesca de uma via ferrea, verdadeiramente gigantesca para os nossos recursos, e ainda mais para o nosso immenso desalento. Santarem é já um arrabalde de Lisboa, o não tardará que o sejam tambem outras terras importantes do reino. Sel-o-hão breve, maugrado de quaesquer obstaculos, que se venham lançar de permeio; porque a opinião publica reclama unisono o progresso d'esse grande melhoramento.

Esses tantos kilometros de linha ferrea, que atravessam os fertéis campos do Ruba Tejo, serão pouca coisa relativamente á sua extensão, mas são de uma incalculavel importancia para o paiz em relação á sua influencia moral; porque foram elles, que crearam, desenvolveram, e hão de dar energia áquella opinião publica, que pesará pela sua propria força na balança da politica mais do que todas as difficuldades, que se ergam para embaraçar a satisfação da sua justa exigencia.

A estampa junta mostra a ponte de ferro, que atravessa o rio de Sacavem, e que é uma das mais notaveis obras d'arte do caminho de ferro de leste, pelos muitos estorvos que foi mister vencer para a lançar sobre o rio, e para lhe dar a necessaria solidez em um solo tão pouco firme.

De ordinario a ignorancia associa-se com a opulencia, e vivem acastelladas em palacios: a sciencia allia-se com a pobreza, e morrem definhadas nos hospitaes.

#### A uns annos.

Em meu nome essa lembrança  
Bonito para brincar,  
Vae hoje a recém-nascida  
No berço novo saudar.

Mea culpa pelo arrojô  
O affecto vence a razão,  
Ganhe o perdão d'esta culpa  
A pureza da intenção!

1853.

Alfinetes são amores,  
Eu não sei dizer porque...  
Mas espinhos com certeza  
Logo sabe quem os vê.

Quem só tem na vida espinhos  
Hoje implora o seu perdão,  
Por ofertar em tal dia  
D'espinhos fraca porção.

1854.